151. O EFEITO DO ENVELHECIMENTO NAS PRÁTICAS PROFISSIONAIS: PERSPETIVAS DOS PROFESSORES DO PRÉ-ESCOLAR AO SECUNDÁRIO NO CONTEXTO PORTUGUÊS

Kelly Alves¹, Amélia Lopes², Fernando Pereira³

¹FPCEUP (PORTUGAL), alveskelly31@yahoo.com.br

²FPCEUP (PORTUGAL), amelia@fpce.up.pt

³IPB (PORTUGAL), fpereira@ipb.pt

Resumo

O envelhecimento populacional é uma realidade do século XXI, com consequências importantes nas relações de trabalho. O manter-se ativo à medida que se envelhece é uma questão abordada em programas de gestão dos recursos humanos, visando o equilíbrio dos sistemas de proteção social e dos regimes de pensões. Nesse contexto, uma modalidade particular de envelhecimento – o envelhecimento ativo – ganha espaço. Em Portugal, devido à extensão da idade da reforma, os professores trabalharão mais cerca de dez anos do que o previsto em 2014. Este estudo tem por objetivo descrever as percepções dos professores em relação ao envelhecimento e seus efeitos na prática profissional. O estudo adota uma metodologia mista (grupos focais, entrevistas semi-estruturadas e questionário alargado) com professores portugueses da Educação de Infância ao Secundário, com idade superior ou igual a 55 anos. A partir de uma pesquisa prévia sobre o envelhecimento dos professores, considera-se que a docência, enquanto trabalho, possui particularidades na sua relação com o envelhecimento. Fatores como a idade, o tempo de docência, a necessidade de deslocação casa-trabalho e as mudanças devidas ao envelhecimento primário e secundário parecem influenciar a forma como é vivido o trabalho docente. Alguns resultados apontam para a existência de uma preocupação dos professores com a sua capacidade de trabalho a longo prazo, mas também para o facto de a docência ser vista como “antídoto do envelhecimento”.

Palavras-chave: envelhecimento, trabalho docente, qualidade de vida.

Abstract

Population ageing is a 21st century reality, with important consequences for labour relations. Staying active as one ages is an issue addressed in human resource management programmes aimed at balancing social protection systems and pension systems. In this context, a particular modality of aging - active aging - is gaining ground. In Portugal, due to the extension of the retirement age, teachers will work around ten years longer than expected in 2014. This study aims to describe teachers' perceptions of ageing and its effects on professional practice. The study adopts a mixed methodology (focus groups, semi-structured interviews and extended questionnaire) with Portuguese teachers from pre-school to high school, aged 55 or over. Based on previous research on the ageing of teachers, it is considered that teaching, as a job, has particularities in its relationship with ageing. Factors such as age, teaching time, the need to move from home to work, changes due to primary and secondary ageing seem to influence the way teaching work is experienced. Some results point to the existence of a concern on the part of teachers about their ability to work in the long term, but also to the fact that teaching is seen as an “antidote to ageing”.

Keywords: aging, teaching work, quality of life.

1. INTRODUÇÃO

Portugal não está alheio ao fenómeno do envelhecimento populacional, que é uma realidade no século XXI estudada por muitos pesquisadores, com intuito de compreenderem o processo de envelhecimento humano (Fontaine, 2000; Paúl, 1996; Viegas & Gomes, 2007), que constitui conjuntamente uma oportunidade e um desafio para a sociedade. Esse fenómeno apresenta consequências muito importantes em todas as esferas e tem sido bastante discutido nas relações de trabalho, pois as pessoas também envelhecem na profissão para o que conta a extensão da idade da reforma. Discute-se, por exemplo, o lugar que o indivíduo mais velho ocupa na sociedade e os impactos e efeitos do envelhecimento nas relações de trabalho.

Desafios advindos das relações e impactos do envelhecimento no trabalho são previstos e discutidos por organizações internacionais como a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE), que afirma: “O futuro mercado de trabalho europeu será confrontado simultaneamente com uma população em envelhecimento e uma diminuição do número de jovens” (OCDE, 2010, p. 3). Segundo Pocinho e outros autores (2017, p. 15), “As tendências da população em idade ativa da UE indicam que a faixa etária dos 55-64 anos aumentará cerca de 16,2% (9,9 milhões) entre 2010 e 2030 (...). A consequência será a mão-de-obra europeia mais envelhecida”.

A profissão docente não é exceção e constitui uma situação particular no que respeita aos impactos e efeitos do envelhecimento no trabalho, nomeadamente porque diz respeito a um grupo profissional com realidades diversas em função do nível de ensino. Os níveis de ensino têm importante papel nas diferentes formas de perceber o impacto do trabalho docente no processo de envelhecimento do professor, pois pesquisas revelam que existem peculiaridades em função do nível que devem ser consideradas nesta análise (Alves, 2016; Alves & Lopes, 2016; Cau-Bareille, 2014;), assim como em função das variáveis gênero e condição laboral.

O manter-se ativo à medida que se envelhece é uma questão abordada em programas de gestão dos recursos humanos, visando o equilíbrio dos sistemas de proteção social e dos regimes de pensões. Nesse contexto, uma modalidade particular de envelhecimento – o envelhecimento ativo – ganha espaço. Entretanto, alertam Moreira e Vieira “[...] manter o vínculo profissional não é, necessariamente, um índice de saúde, ainda que auxilie na preservação da mesma” (Moreira & Vieira, 2014: 62).

Com base nestes contributos iniciais, pretendemos neste artigo descrever as percepções dos professores em relação ao envelhecimento e seus efeitos na prática profissional. Além da revisão bibliográfica realizamos uma pesquisa empírica com 11 (onze) professores portugueses, do 2º CEB, 3º CEB e Secundário, com idade igual ou superior a 55 anos.

2. ENVELHECIMENTO E TRABALHO DOCENTE

O processo de envelhecimento humano revela-se complexo, por não estar unicamente relacionado com os anos vividos ou com as transformações que ocorrem no organismo, mas também com o modo como esse tempo é vivido pelas pessoas. Esse processo tem sido bastante discutido no cenário mundial, com intuito de acompanhar as transformações e impactos por ele produzidos, que remetem às mudanças e deficiências das relações sociais e familiares, assim como em implicações económicas (Pocinho, 2014), devido ao aumento acentuado de idosos, como previsto pela Comissão Europeia (2010).

O envelhecimento é constituído por processos distintos, no que consideramos, neste trabalho, o envelhecimento primário e o secundário. Segundo Papalia (2001/2010), o envelhecimento primário é um processo gradual e inevitável de deterioração física, que acompanha o indivíduo ao longo da vida e o envelhecimento secundário é resultante das interações das influências externas, que em geral podem ser controladas, por exemplo: doenças, abusos e maus hábitos de um indivíduo.

Esse processo que acontece de forma particular em cada indivíduo exige uma contínua adaptação e esforço por parte de quem envelhece, para conseguir viver sua nova fase da melhor maneira, portanto, essa percepção não pode ser concebida de maneira uniforme, pois “apresenta modificações significativas nas instâncias biológicas, sociais, psicológicas e culturais” (Lima et al., 2015, p. 432). De acordo com uma pesquisa sobre o envelhecimento dos professores, no contexto português, considera-se que a docência, enquanto trabalho, possui particularidades na sua relação com o envelhecimento (Alves, 2016).

Neste estudo, evidenciamos a relação entre envelhecimento e trabalho docente, com base nos dados do relatório do Conselho Nacional de Educação (CNE) sobre o envelhecimento do

quadro docente em Portugal. Este relatório aponta que cerca de um terço dos professores têm idade igual ou superior a 50 anos em todos os níveis e graus de ensino. Segundo o CNE, “[o] aumento da idade da reforma, atualmente nos 66 anos e 2 meses, e o quase inexistente ingresso de novos professores no sistema explicam este envelhecimento acentuado” (CNE, 2015, p. 140).

Fatores como tempo de docência, a necessidade de deslocação casa-trabalho e as mudanças devidas ao envelhecimento primário e secundário parecem influenciar a forma como os professores percebem o seu envelhecimento, pois “a avaliação da vida feita pela pessoa que envelhece implica na percepção subjetiva de fatores externos e internos, em todas as suas dimensões, pois todos os acontecimentos ao longo da vida influenciam e de certa forma determinam o processo de envelhecimento” (Alves, 2016, p. 33).

Diante disso, aspetos específicos e complexos, tais como o contexto histórico, social e político em que o professor exerce sua atividade, nomeadamente, suas condições de trabalho, devem ser tidos em conta ao tentar perceber a relação dessa profissão com a qualidade de vida do professor, o valor do trabalho docente emerge em razão direta ao valor atribuído à educação, pelas sociedades modernas e pós-modernas, tornando-o imprescindível ao sucesso individual e social dos indivíduos (Herdeiro, 2010).

Alguns estudos ressaltam a importância de um olhar mais aprofundado às contradições existentes no envelhecimento dos professores (Alves, 2016; Alves & Lopes, 2016; Lima et al., 2015). Pesquisas revelam que, independentemente do nível de ensino, o acúmulo de atividades e o aumento de exigências no trabalho “[...] podem causar fenômenos de desgaste a longo prazo, num contexto em que as margens de manobras são relativamente limitadas” (Cau-Bareille, 2014, p. 65).

No processo de envelhecimento dos professores existem mudanças que vão além do âmbito pessoal, como diferenças significativas nas práticas profissionais dos professores do início da carreira ao momento atual (Cau-Bareille, 2014; Moreira & Vieira, 2014). Alguns estudos evidenciam particularidades do envelhecimento relacionadas às atividades que as pessoas exercem, que devem ser levadas em consideração, na busca da compreensão desse processo e no caso dos professores, pesquisas revelam que existem peculiaridades em função do nível que devem ser consideradas nesta análise (Alves, 2016; Alves & Lopes, 2016; Cau-Bareille, 2014; Moreira & Vieira, 2014).

Na pesquisa realizada por Alves (2016), os professores do 1.º CEB, assim como os educadores da Pré-Escola, sentem o peso das atividades físicas, pelo dinamismo característico das séries iniciais. Os professores do 1.º CEB demonstraram maior preocupação a nível profissional, juntamente com os professores do 2.º CEB, por sentirem-se responsáveis pela gestão de conflitos com a escola e com os pais, que é expressa na preocupação com a manutenção ou diminuição de suas capacidades funcionais a longo prazo. Apesar das experiências acumuladas ao longo da carreira, alguns professores afirmam que “[...] seus recursos pessoais para lidar com as exigências diminuem no fim da carreira” (Cau-Bareille, 2014, p. 65).

Em relação ao 3.º CEB e Secundário, encontramos algumas divergências, pois alguns professores relacionaram o envelhecimento à segurança e estabilidade com relação ao trabalho e outros referiram a condição de *stresse* proveniente das dificuldades ao nível das condições organizacionais (Alves, 2016). Nesses níveis, entre os professores em fim de carreira, foram percebidos maior fadiga e esgotamento físico, maior sensibilidade ao ruído, uma considerável diminuição da paciência com relação ao comportamento omissivo dos alunos, sentimento de impotência para enfrentar as atividades e os alunos – cada vez mais difíceis. Acresce o sentimento de diferença geracional que desestabiliza a atividade docente (Cau-Bareille, 2014).

2.1. O manter-se ativo

A importância do manter-se ativo à medida que se envelhece é abordada em programas de gestão dos recursos humanos. Esta preocupação, nomeadamente de suporte à tomada de decisões políticas por parte dos gestores públicos do trabalho e do emprego, reflete a relevância da problemática dos trabalhadores mais velhos para o Estado e Segurança Social. De certa forma, essa mudança no cenário do trabalho, ocasionada pelo envelhecimento demográfico, vem reorientar o enquadramento das políticas públicas para com a população ativa.

A necessidade em acompanhar as transformações no mundo do trabalho acaba por fomentar a reflexão acerca dos desafios do envelhecimento e suas políticas. Ainda cria espaços para discussão como, por exemplo, tivemos mais recente a Conferência das Nações Unidas

sobre envelhecimento, ocorrida em Lisboa, em 2017, para debater e definir linhas de atuação para as questões colocadas pelo envelhecimento.

O trabalho docente não está alheio a essas mudanças e com as alterações no Estatuto da Carreira Docente, os professores viram o tempo para a reforma alargar-se e com isso terão de trabalhar mais 10 anos do que o previsto em 2014, facto que terá reflexo em sua qualidade de vida. Em Portugal, a distribuição por grupos etários, em todos os níveis de ensino, mostra o acentuado envelhecimento do corpo docente (CNE, 2016).

Apesar das alterações ocorridas no Estatuto da Carreira Docente e das condições de trabalho não serem tão favoráveis para esses professores, em muitos destes existe o desejo de continuar no exercício da profissão. Nesse sentido, de acordo com a pesquisa realizada por Alves (2016, p. 98), “para todos os participantes, a docência – que os mantém em ligação com a vida e lhes diminui a atenção ao relógio cronológico – pode ser um ‘antídoto’ ao envelhecimento, relacionado com o desejo de aprender e de se atualizar”.

A possibilidade de continuar exercendo uma atividade parece-nos importante para a vivência de uma velhice saudável, pois o trabalho representa para muitos a concretização de um projeto de vida, porém, “[...] manter o vínculo profissional não é, necessariamente, um índice de saúde, ainda que auxilie na preservação da mesma” (Moreira & Vieira, 2014, p. 62).

2.1.1. *Envelhecimento ativo – vida ativa*

O envelhecimento demográfico e os evidentes impactos ao nível do sistema de proteção social e das políticas públicas abrem espaço para uma modalidade particular de envelhecimento – o envelhecimento ativo, expressão assumida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) nos finais da década de 90 que denota a “[...] optimização das oportunidades de vida, em termos de saúde, de participação e de desenvolvimento multidimensional da pessoa, à medida que esta envelhece” (Viegas & Gomes, 2007, p. 28). Essa modalidade ganha visibilidade em 2012 ao ter esse ano proclamado como o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade, a nível da União Europeia.

Segundo Pereira e Cunha (2015), o conceito de vida ativa defende melhor os valores almejados pelo conceito de envelhecimento ativo, apesar de estarem intrinsecamente relacionados, no que “[o] envelhecimento ativo será uma continuidade lógica de uma vida ativa e inclusiva, vivida de forma participada, tão saudável quanto o possível, na medida das possibilidades e desejos pessoais de cada indivíduo”. (p. 77). Concordamos com estes autores ao enfatizarem que “a ideia de vida ativa deve ser trabalhada ao longo do desenvolvimento do indivíduo, através de processos educativos integrados numa estratégia de desenvolvimento social” (Pereira & Cunha, 2015, p. 80).

2.2. **Sobre a reforma**

A reforma é uma questão delicada, diretamente relacionada ao envelhecimento do indivíduo que trabalha, é também uma situação de mudança e, como tal, apresenta perdas e/ou ganhos, facto que a torna complexa, pois cada indivíduo tem um olhar e uma maneira de lidar com essa situação (Alves, 2016). A maneira como o indivíduo se relaciona com o trabalho e os significados que atribui a este podem influenciar na sua perceção quanto à reforma.

À perceção dos indivíduos mais velhos se somam as crenças difundidas pela lógica capitalista que tende a desvalorizar esses indivíduos – e a velhice é confundida com a inatividade. Neste sentido, está a análise de Stano (2001), quando indica que o estigma da velhice e de sua falta de importância para a sociedade são causas de conflito encarado por grande parte dos professores que se aproximam da reforma.

Em Portugal, a idade da reforma sobe para os 66 anos em 2014, com exceção das profissões consideradas mais ‘penosas’¹, aumentando progressivamente nas próximas décadas, de acordo com a evolução da esperança média de vida. Essa questão é complexa e poderá ser vista e estudada de muitos ângulos. Entretanto, neste estudo é abordada do ponto de vista do professor que, não sendo exceção, trabalhará mais do que o previsto. Para melhor perceber essa questão mostra-se necessário conhecer os significados e as perceções dos professores sobre a reforma.

¹ Profissões consideradas de natureza penosa ou desgastante: mineiros, trabalhadores marítimos, profissionais de pesca, controladores de tráfego aéreo, bailarinos, trabalhadores portuários e bordadeiras da Madeira (Guia Prático-Pensão Velhice 2016. Instituto da Segurança Social, I.P)

Em sua pesquisa sobre o envelhecimento dos professores, Alves (2016) identificou algumas diferenças quanto à condição laboral dos professores portugueses com mais de 55 anos, a respeito dos ‘aspectos sobre a reforma’, no que professores reformados demonstram uma satisfação, relacionada a manutenção da vida ativa e em poder gerir melhor seu tempo e professores não reformados expressam receio e falta de reflexão e reconhecem a importância de um preparo para reforma e pós-reforma.

Sobre a importância de um preparo para a fase pós-laboral, Pocinho e outros autores (2017, p. 21) afirmam que “(...) é necessário criar estratégias para nos prepararmos para a transição entre a atividade profissional e a reforma”.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é um recorte da pesquisa sobre o envelhecimento dos professores, a ser realizada no âmbito do Programa Doutoral em Ciências da Educação e apoia-se no paradigma da Complexidade pela possibilidade de haver contribuição mútua das abordagens qualitativa e quantitativa. A complementaridade paradigmática implica numa combinação de métodos de investigação que permitirá ter um entendimento da complexidade da realidade a ser estudada (Amado, 2014).

Com o objetivo geral de descrever as percepções dos professores de diversos níveis de ensino em relação ao envelhecimento e seus efeitos na prática profissional, o estudo adota uma metodologia mista (grupos focais, entrevistas semi-estruturadas e questionário alargado). A escolha pelo método misto baseia-se no facto de que esse se vale dos pontos fortes dos métodos quantitativo e qualitativo (Creswell, 2010). No entanto, neste trabalho evidenciamos a técnica para recolha de dados – grupos focais.

Na definição dos sujeitos participantes do estudo tivemos em conta o objetivo geral da pesquisa e os resultados da pesquisa bibliográfica. Participaram deste recorte da pesquisa 11 (onze) professores portugueses do 2.º CEB, 3.º CEB e Secundário, com idade superior ou igual a 55 anos. Estes professores foram distribuídos em 02 (dois) grupos, para a realização dos grupos focais, com duração de aproximadamente 01 (uma) hora cada encontro.

A opção pelos grupos focais, como técnica de recolha de dados, decorre da possibilidade da construção coletiva do conhecimento e produção de dados, pois “[é] do contexto da interação que se espera que surjam as informações pretendidas” (Amado, 2014, p. 226). O seu uso adequa-se também “à dinâmica de pouca estruturação que pretendemos introduzir nas discussões em grupo e à dinâmica interpretativa da análise de dados” (Macedo, 2009, p. 167).

A análise dos dados recolhidos durante os grupos focais seguiu a análise de conteúdo temática. Entendemos que a “análise de dados é central na investigação. Não basta recolher dados, é preciso saber analisá-los e interpretá-los” (Amado, 2014, p. 299). Por se tratar de uma abordagem mista, a análise de dados está a ser realizada de forma autónoma de acordo com a fonte de dados.

3.1. Aspectos éticos

Por se tratar de uma pesquisa realizada a partir de pessoas e suas vivências, partimos do princípio de que todo o pesquisador deve obter conhecimentos sobre as questões éticas envolvidas em seu estudo, sendo pertinente ter atenção a estas questões ao longo da pesquisa para evitar excessos e constrangimentos, pois a ética “[...] nasce amparada no ideal grego da justa medida, no equilíbrio das ações [na] busca do agenciamento do agir humano de tal forma que o mesmo seja bom para todos” (Cenci, 2002, p. 90).

Corroboramos, ainda, a ideia de que “A ética corresponde [...] ao processo de articulação racional do bem, à sua especificação necessária nos diferentes patamares de decisão e acção” (Baptista, 2011, p. 8).

4. ALGUNS RESULTADOS

O processo do envelhecimento ocorre de formas diferentes na vida de cada professor e tem especificidades decorrentes de sua natureza profissional (nível de ensino), de acordo com o que os estudos anteriores mostraram. Alguns resultados preliminares dizem respeito às concepções sobre o trabalho docente e sua relação com o envelhecimento, à reforma e a perspectivas futuras face ao envelhecimento.

Conceção sobre o trabalho docente – mudanças – diferenças relacionadas aos níveis de ensino

Os professores do 2.º CEB relacionam as mudanças à adaptação e os do 3.º CEB e Secundário relacionam as mudanças à evolução no modo de conceber o trabalho docente: “Nós estamos querendo estar sempre atualizados, porque os miúdos... lidar com gente mais nova é um enorme desafio a vários níveis”(Professora Joana – 3.º CEB).

Perceções sobre a relação do envelhecimento e o trabalho docente

Para os professores do 2.º CEB – Conflito de gerações (distanciamento relativo à idade dos alunos), desmotivação e falta de paciência:

“Conflito geracional é normal, educação e valores diferentes, cada vez mais distantes dos alunos, falta de paciência, cansaço físico e intelectual” (Professora Kátia – 2.º CEB).

Para os do 3.º CEB e Secundário surge cansaço físico, preocupação com o acúmulo de trabalho e com o aumento da idade da reforma. A principal causa do cansaço, da desmotivação e da falta de paciência, sentidos pelos professores, é o aumento da carga horária de trabalho.

“Desmotivação, falta de paciência, tudo! É isso tudo o que nós temos, precisamente, a partir daquela data em que nos meteram para além das letivas mais x horas não letivas” (Professor Tiago – 2.º CEB).

Fatores como a idade, o tempo de docência, a necessidade de deslocação casa-trabalho, as condições de trabalho e as mudanças devidas ao envelhecimento primário e secundário parecem influenciar a forma como é vivida a profissão e o trabalho.

O envelhecimento ativo é desejado pelos professores, porém visto com certa descrença por conta das condições de trabalho e do pouco tempo disponível aos cuidados a si.

Em geral, os professores enfatizam a segurança, a experiência e o amadurecimento – têm o envelhecimento como uma mais-valia: “Nota-se realmente que o envelhecimento dá uma perspectiva de aula diferente, na preparação... é tudo diferente e isso é uma mais-valia” (Professora Irene – 2.º CEB).

Pespetivas futuras na continuação do trabalho

Todos os professores esboçam uma preocupação com o futuro em relação à qualidade e capacidade do seu trabalho a longo prazo: “A minha pespetiva é que se com a idade que eu tenho, a 12 anos ou 11 de inciar a minha aposentadoria... tem dias que eu chego a casa extenuada, eu acho que não aguento” (Professora Joana – 3.º CEB e Secundário).

Quanto à reforma

Foi unânime a indignação quanto ao aumento da idade para reforma e a preocupação quanto as condições de trabalho: “Porque, realmente, quando estamos perto estamos cada vez mais longe; quando estamos com 55 e pensamos ‘para o ano vou reformar’... não, ainda tens mais 5 anos; e depois quando chegares aos 60, não, ainda tens mais 6” (Professora Irene – 2.º CEB).

A maioria dos professores reconhece a necessidade de um preparo para a reforma: “Eu digo assim: ‘eu venho embora e vai-me faltar a escola, porque ser professor é a profissão que eu tenho’, cria-nos um certo vício, somos viciados na escola” (Professora Joana – 3.º CEB e Secundário).

REFERÊNCIAS

- Alves, K. (2016). *Envelhecer na docência: percepções dos professores de diversos níveis de ensino*. Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. Consultado em <http://hdl.handle.net/10216/90367>.
- Alves, K., & Lopes, A (2016). Professores e o envelhecimento: realidades e especificidades no contexto português. *Trabalho & Educação*, 25, 61-77.
- Amado, J. (org.)(2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- Baptista, I. (2011). *Ética, Deontologia e Avaliação do Desempenho Docente*. *Cadernos do CCAP* – 3. Lisboa: Ministério da Educação. Consultado em http://www.ccap.min-edu.pt/docs/Caderno_CCAP_3-Etica.pdf.
- Cau-Bareille, D. (2014). Estratégias de trabalho e dificuldades dos professores em fim de carreira: elementos para uma abordagem sob o prisma do género. *Laboreal*, 10(1), 59-78. Consultado em junho, 2015, em http://laboreal.up.pt/files/articles/59_78.pdf.
- Cenci, A. (2002). *O que é ética? Elementos em torno de uma ética geral*. Passo Fundo: A.V. Cenci.
- Comissão Europeia (2010). *Comunicado de Bruges sobre o Reforço da Cooperação Europeia no Ensino e Formação de Profissionais para o Período de 2011-2020*, 07 dezembro. Consultado em junho, 2015, em http://ec.europa.eu/education/policy/vocational-policy/doc/brugescom_pt.pdf.
- Conselho Nacional de Educação – CNE (2015). *Relatório Estado da Educação*. Consultado em junho, 2016, em http://www.cnedu.pt/content/edicoes/estado_da_educacao/Estado_da_Educa%C3%A7%C3%A3o_2014_VF.pdf.
- Conselho Nacional de Educação – CNE (2016). *Relatório Técnico. A condição docente: contributos para uma reflexão*. Consultado em outubro, 2017, em http://www.cnedu.pt/content/edicoes/estudos_e_relatorios/RTAcondicaodocente.pdf.
- Creswell, J. (2010). *Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Fontaine, R. (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Herdeiro, R. (2010). *Trabalho docente e desenvolvimento profissional: narrativas de professores*. Lisboa: Chiado.
- Lima, I. et al. (2015). Professores e envelhecimento: um estudo de representações sociais. In *CIAIQ2015, Investigação qualitativa em educação*, (Vol2, pp 431-436). Consultado em dezembro, 2015, em <http://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/290/286>.
- Macedo, E. (2009). *Cidadania em confronto: educação de jovens elites em tempo de globalização*. Porto: CIIE & Livpsic.
- Moreira, J., & Vieira, R. (2014). Permanência no emprego: velhice saudável ou negação do envelhecimento?. *Revista pesquisas e práticas psicossociais*, 9(1), 57-63. Consultado em maio, 2014, em http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/834.
- Papalia, D. (2010). *Desenvolvimento Humano* (C. F. Marques, Trad.). Porto Alegre: AMGH. (Obra original publicada em 2001)
- Paúl, C. (1996). *Psicologia dos idosos: o envelhecimento em meios urbanos*. Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais, Lda.
- Pereira, F., & Cunha, L. (2015). Vida ativa em vez de envelhecimento ativo: O contributo da animação sociocultural. In J. Pereira, M. Lopes & T. Rodrigues (Coords.), *Animação Sociocultural, Gerontologia Educação Intergeracional: Estratégias e Métodos de Intervenção para o Envelhecimento Ativo* (pp. 75-86). Chaves: Intervenção - Associação para a Promoção e Divulgação Cultural. Consultado em dezembro, 2017, em <http://hdl.handle.net/10198/13713>.
- Pocinho, R. (2014). *Mayores en contextos de aprendizaje: Caracterización y efectos psicológicos en los alumnos de las Universidades de Mayores en Portugal*. Tese de doutoramento, Universitat de València, València, Espanha. Consultado em julho, 2017, em http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Mayores_Pocinho.pdf

Pocinho, R., Belo, P., Silva, C., Navarro-Pardos, E., & Fernández, M. (2017). Bem-estar psicológico na reforma: a importância da preparação dos trabalhadores para a transição. *Revista Lusófona de Educação*, 37, 11-25. Consultado em março, 2018, em Doi: 10.24140/issn. 1645-7250.rle37.01

Viegas, S., & Gomes, C. (2007). *A identidade na velhice*. Porto: Ambar.